



# ENSINAR E APRENDER FILOSOFIAS NEGRAS: Entrevista a Renato Nogueira

## TEACHING AND LEARNING BLACK PHILOSOPHIES: Interview with Renato Nogueira

por **Alexandre de Oiveira Fernandes**  
Instituto Federal da Bahia (IFBA)  
alexandre.pro@gmail.com

**Emanoel Luis Roque Soares**  
Universidade Federal do Recôncavo da  
Bahia (UFRB)  
el-soares@uol.com.br

**Mauricio de Novais Reis**  
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)  
contato@mauricionovais.com

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4334>

Uma boa entrevista precisa de uma entrada? Necessitamos aqui, realmente de uma apresentação de nosso entrevistado? Se sim, seremos sintéticos, porque estamos convencidos de que importa a fala de Renato Nogueira. Deixaremos que a entrevista diga “algo” sobre ele que não possa ser pinçado rapidamente de seu currículo lattes, produção bibliográfica, palestras e bancas de trabalhos acadêmicos, não sem dizer, contudo, que Nogueira é daqueles pensadores que aproximam o conhecimento das pessoas. Não escreve e nem fala como se estivesse em uma Catedral, engomado e asséptico. Nogueira é *pop*: dá entrevistas em programas de televisão com a mesma competência com a qual orienta seus estudantes, desenvolve pesquisas e escreve livros. Já há algum tempo, Renato Nogueira é sinônimo de produção inovadora que contraria o epistemicídio negro e rasura as lacunas da filosofia. Nosso entrevistado engrossa as reflexões presentes nesta edição da revista Odeere/UESB, cujo tema central é “Afrofilosofias e saberes diaspóricos: Filosofias pretas nas palmas das mãos”, questionando silêncios de uma ciência

branca-cis-euro-hetero-usa-normativa, pouco

comprometida com a luta antirracista e a equanimidade. A ele agradecemos por nos conceder um pouco de seu tempo, tendo a internet nos servido de elo. A você dedicamos este trabalho, convidando-a(o) a trilhar um percurso de leitura, o qual, se estivermos de acordo, apresentará: i) reflexão e avanço de conhecimento sobre uma filosofia negra; ii) outros caminhos para a filosofia, mais ao “sul”; iii) reinvenções de percurso de pesquisa, pois, ora, o entrevistado tem se voltado à filosofia para a infância. E por quê? Porque Erês, Ibejis, Exu Mirim, o menino Kiriku dão o que filosofar, tanto quanto Pinóquio, Mickey Mouse, Riquinho Rico ou o Pateta, não é mesmo? Esta entrevista não serve apenas aos estudiosos de filosofia, aos pesquisadores de categorias como raça, etnicidade e justiça cognitiva. Serve aquelxs interessadxs em ensinar e aprender filosofias negras, com vistas a denegrir a Vida numa articulação proativa e biocêntrica em favor da Comunidade. Em uma palavra: Ubuntu!

1. **Maurício de Novais Reis:** Professor, a filosofia africana é muito pouco conhecida no Brasil. Por quê?

**Noguera:** Minha análise é simples, existem, pelo menos, três versões acerca do surgimento da filosofia. 1ª.) Pluriversal; 2ª.) Nasceu na África, especificamente no Egito antigo; 3ª.) Nasceu na Europa, especificamente na Grécia antiga. Sem dúvida, tal como o filósofo inglês Robert Bernasconi argumenta, a versão de que o mundo grego antigo foi o berço da filosofia se tornou hegemônica. Por isso, argumento que, apesar de a filosofia ser uma área sem respostas consensuais, todo tema pode e deve ser revisitado criticamente. O nascimento da filosofia permanece um dogma, poucos livros de filosofia apresentam as três hipóteses.

2. **Maurício de Novais Reis:** O senhor é um grande divulgador do pensamento de Molefi Kete Asante, sendo este o principal arquiteto do paradigma epistemológico denominado de “afrocentricidade”. Em sua leitura, como vê a afrocentricidade e que relação estabelece com o eurocentrismo?

**Noguera:** A afrocentricidade não é um “ismo”. Por isso, de acordo com Asante, não podemos tomá-la como uma versão negra do eurocentrismo. Afrocentricidade é uma “metodologia” do projeto pan-africanista. As duas categorias-chave da afrocentricidade são: localização e agência. O

que está em jogo é a busca e consolidação de que a produção intelectual da população negra mundial esteja numa perspectiva africana. Ora, importante notar que “África” assume um sentido transcontinental, não se trata apenas de um continente; mas, de um paradigma cultural.

3. **Maurício de Novais Reis:** Como estudante o senhor dedicou sua formação acadêmica ao pensamento do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. Após algumas publicações a respeito de Schopenhauer e Kant, seu primeiro artigo sobre afrocentricidade é de 2010. Que adaptações faria hoje, 8 anos após, em seu texto sobre afrocentricidade? Há mudanças consideráveis?

**Noguera:** Estou fazendo adaptações. Em relação à minha primeira publicação sobre afrocentricidade não faria nenhuma mudança. No momento, tenho incorporado leituras de intelectuais indígenas e quilombolas. Eu estou em migração para a infância nos últimos anos. Estou procurando casar estudos das infâncias e crianças com minhas pesquisas sobre filosofias africanas e indígenas. Daí, estou propondo filosofia africana com crianças.

4. **Emanoel Soares:** Pode parecer óbvia a questão, mas por que importa uma filosofia negra para crianças?

**Noguera:** Importa muito fazer filosofia negra – aqui entendida como filosofias africanas e afrodiáspóricas – com crianças. Farei uma breve introdução: existe uma tradição que não vem de ontem de filosofia com crianças, dentre os expoentes destaco filósofos como o estadunidense Mathew Lipman<sup>1</sup> e o argentino Walter Kohan<sup>2</sup>. Os trabalhos são incríveis. Lipman sistematizou a proposta de filosofia para crianças. Kohan denominou de “filosofia com crianças” mais tarde. Ele tem sido um dos principais organizadores de um evento bienal<sup>3</sup> muito importante na área e coordena o Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI)<sup>4</sup>. Eu que sou migrante para as infâncias, estou investindo justamente em filosofia africana com crianças, em busca de imagens de infâncias e de um repertório que inclua nomes como Orunmilá, Amenemope, Ptahotep dentre outras e outros. De início pretendo montar um trabalho de divulgação endereçado para usos

<sup>1</sup> Mathew Lipman foi um dos precursores de uma filosofia para crianças. Ensinou na Universidade de Columbia e no Colégio Estadual Montclair (Montclair State College), onde criou o Instituto Avançado de Filosofia para Crianças, cuja sigla em inglês é IAPC. (As notas aqui disponibilizadas são de responsabilidade dos entrevistadores)

<sup>2</sup> Kohan leciona na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Publicou dentre outros, “Sócrates, el enigma de enseñar” (2009); “Filosofía, la paradoja de aprender y enseñar” (2008); “Infância, estrangeiridade e ignorância” (2007); Infância; “Entre educação e filosofia” (2003); “Filosofia na Escola Pública” (2000).

<sup>3</sup> O entrevista está se referindo ao Colóquio Internacional de Filosofia e Educação. Cf. <http://www.filoeduc.org/9cife/>.

<sup>4</sup> Pode-se conhecer mais sobre o Núcleo em <http://www.filoeduc.org/>.

infantis com essa perspectiva. A importância? Fundamental para desfazer o mito de que a filosofia nasceu na Grécia. Filosofia negra com crianças é relevante para demarcar a filosofia como “exercícios espirituais” que podem ser feitos em qualquer idade. E, ainda, provavelmente desenvolver a tese de que só a infância conhece efetivamente as línguas da filosofia.

5. **Alexandre Osaniiyi (Alexandre Fernandes):** O senhor é um dos principais representantes, no Brasil, dos estudos de filosofia africana e afrobrasileira. Como essa guinada aconteceu?

**Noguera:** Eu estudo filosofia africana desde sempre. Eu tenho uma formação extra-acadêmica que incluía textos africanos. Mas, quando eu fiz mestrado e doutorado, o meio acadêmico ainda não estava acolhedor para temáticas que saíssem do *hall* da filosofia ocidental.

6. **Alexandre Osaniiyi:** Duas questões: Qual a receptividade na Universidade para uma filosofia negra? E que textos, por quais razões, de filosofia africana e afro-brasileira deveriam ser lidos hoje nas universidades brasileiras?

**Noguera:** Sendo direto com a primeira parte da questão, avalio que tem sido melhor do que era; mas, ainda aquém do necessário. Já a segunda exigiria um tratado. Bem, penso que no âmbito da antiguidade vale a pena ler textos que ainda estamos traduzindo como “Sócrates e Orunmilá” de Sophie Oluwole – a primeira nigeriana doutora em filosofia. Nessa obra, Orunmilá é apresentado como um filósofo do século VI antes de Cristo com o tema do autoconhecimento. Os textos intitulados “Ensinamentos” de Amenemope e Ptahotep de milênios antes da era comum são importantes para desfazer o “mito” de que a filosofia nasceu num berço grego. Além de textos contemporâneos de “Crítica da razão negra” do camaronês Achille Mbembe que faz conjecturas de filosofia política em que o racismo é incontornável para fazermos um debate sobre o mundo contemporâneo. Ler as reflexões sobre o tempo de John Mbiti<sup>5</sup> nas quais aprendemos que o futuro virtual não pode ser pensado do mesmo modo que o passado e o presente. Vale a pena estudar a obra “A invenção das mulheres”, onde a epistemóloga nigeriana Oyeronke Oyewumi explica a diferença entre cosmovisão e cosmosentidos. No Brasil, as contribuições na obra “Quilombismo” de Abdias do Nascimento ao lado dos estudos de Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro,

---

<sup>5</sup> John Mbiti é reconhecidamente um dos maiores especialistas em religiões africanas. Pastor anglicano de origem queniana, ele possui várias publicações, dentre elas *African religions and philosophy*. London: Heinemann, 1971. Sugere-se aos interessados artigo de Mbiti, intitulado “O mal no pensamento africano”. Disponível em [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/john\\_mbiti\\_-\\_o\\_mal\\_no\\_pensamento\\_africano.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/john_mbiti_-_o_mal_no_pensamento_africano.pdf), o texto citado foi publicado “Revista Portuguesa de Filosofia”, 57, em 2001.

tal como as considerações do pensador quilombola Antônio Bispo dos Santos sobre cosmologia afro-pindorâmica.

7. **Maurício de Novais Reis:** Cheikh Anta Diop e Théophile Obenga são autores bastante divulgados pelo senhor. Como contribuem para o desenvolvimento de uma filosofia africana? E, em particular, com a promoção de uma intelectualidade negra brasileira?

**Noguera:** Diop e Obenga são indispensáveis para corrigirmos a historiografia que embranqueceu o antigo Egito. A intelectualidade negra brasileira encontrou bases consistentes nesses dois grandes pensadores para desfazer o racismo intelectual que afetou profundamente a população negra no mundo, incluindo o Brasil.

8. **Maurício de Novais Reis:** No livro “O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639”, o senhor escreveu que “o eurocentrismo colonial dividiu os seres humanos em raças e desqualificou todos os povos não europeus”. Que relações há entre colonialidade e o ensino de filosofia praticado no Brasil?

**Noguera:** Uma íntima relação, no Brasil o ensino de filosofia tem sido articulado com uma proposição “iluminista”, tal como nos diz, Wanderson Flor Nascimento<sup>6</sup>.

9. **Maurício de Novais Reis:** Como a filosofia africana pode ser ensinada em escolas de Ensino Médio? **Alexandre Osaniyi:** Sobre esta questão, professor, há espaço e materiais didáticos disponíveis?

**Noguera:** No Ensino Médio, a filosofia africana pode ser ensinada de várias maneiras, com jogos, com música, com teatro, usando tecnologias. Os materiais didáticos existem; mas, ainda são muito poucos se comparados à hegemonia da filosofia ocidental.

10. **Maurício de Novais Reis:** Professor, a partir de uma filosofia afrocentrada, qual o “sul” para a educação das relações etnicorraciais na educação infantil?

---

6 Wanderson Flor do Nascimento leciona na Universidade de Brasília (UNB). Suas pesquisas subdividem-se em quatro campos: 1) As filosofias africanas e afrodiaspóricas; 2) Relações Raciais e Tradições Brasileiras de Matrizes Africanas (Com ênfase nos candomblés); 3) Ensino de Filosofia e Filosofia da Educação (com ênfase na formação docente para o trabalho com o ensino das culturas e histórias africanas, afro-brasileira e indígenas); 4) Fundamentos da Bioética (Com ênfase nos aportes contra coloniais às bioéticas latino-americanas e dimensões bioéticas das Políticas de Saúde para a População Negra). Com apoio de estudantes de graduação e pós-graduação, criou um site que disponibiliza em língua portuguesa o pensamento de filósofos e escritores de África. Cf. <https://filosofia-africana.weebly.com/>.

**Noguera:** É preciso operar com imagens afrocentradas das infâncias, rompendo com as imagens exclusivas das infâncias ocidentais. Ora, se Pinóquio, inocência, desenvolvimento, imaturidade, esquecimento, potência, futuro e criatividade são noções que estão na raiz da produção das práticas ocidentais na educação infantil. O “sul” para uma educação das relações étnico-raciais precisa lançar mão de outras noções como: Erê, ibejis, proximidade com a ancestralidade, passado, presente, cosmoentidos e criatividade. É preciso partir de novas imagens da infância. Wanderson Flor Nascimento é um dos precursores deste debate, ele trabalhou com o filósofo argentino Walter Kohan na filosofia com crianças. Flor Nascimento continua trazendo contribuições. De minha parte, em parceria com Luciana Pires Alves<sup>7</sup> (UERJ) e Nancy Lamenza<sup>8</sup> (UFF) construímos o “Coletivo Infâncias” que agrega grupos de pesquisa e gente interessada em estudos das infâncias e educação das relações étnico-raciais.

11. **Maurício de Novais Reis:** No tocante ao ensino de filosofia na educação básica, o que o senhor pensa a respeito da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que está sendo discutida no Parlamento para o Ensino Médio?

**Noguera:** Eu não sou especialista em currículo. Minhas conjecturas seguem junto com análises especializadas, tais como Elizabeth Macedo e Rita de Cássia Frangella<sup>9</sup>. Estou de acordo com as pesquisadoras, a BNCC tem um problema: a centralização curricular produz mais exclusão. Uma base nacional nesses moldes implica na desconsideração da diversidade brasileira, o que estava contemplado pelos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

12. **Maurício de Novais Reis:** O senhor tem se apropriado positivamente do vocábulo “denegrir”. Defende ser necessário “denegrir” a filosofia e a educação, pois os currículos escolares

---

<sup>7</sup> Luciana Alves é doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua especialmente nos temas: alfabetização, cotidiano, subjetividade.

<sup>8</sup> Nancy Lamenza é doutora em Estudos Latinoamericanos pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), atualmente professora na Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem desenvolvido projetos tais como “Arte e Re(x)istências: Epistemologias do Sul e sabedorias insurgentes”, com vistas a desenvolver disciplina-estágio, métodos e dispositivos universitários-comunitários que possam incluir na formação do psicólogo o debate em torno ao conceito de processos de colonização, epistemicídio e racismo.

<sup>9</sup> Trata-se de professoras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com extensa produção na área do currículo. Juntas organizaram recentemente, dossiê intitulado “Políticas de Currículo ou Base Nacional Comum: debates e tensões” para “Educação em Revista” (UFMG). Cf. edição n. 2 de 2016: <http://educacaoemrevistaufmg.com.br/edio-anterior/educacao-em-revista-vol-32-no-2-ano-2016/>.

encontram-se bastante influenciados pelo eurocentrismo. **Emanuel Soares:** Como educadores podem fazer isso na prática, ou seja, “denegrir” a educação? Há boas experiências já em curso?

**Noguera:** É preciso denegrir o currículo.

13. **Maurício de Novais Reis:** Recentemente, uma advogada negra foi algemada e presa durante uma audiência no Rio de Janeiro. A ação culminou na sua prisão, tendo a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/RJ se posicionado contra este desfecho. Pode a filosofia contribuir para que casos como estes não mais ocorram?

**Noguera:** Uma filosofia aplicada? Em certa medida, sim. Por outro lado, não. A filosofia não tem respostas consensuais, isso caracteriza a área. Portanto, a filosofia não é por si progressista e antirracista. O que existem são escolas e linhas, maneiras distintas de fazer filosofia. O modo que temos feito filosofia (eu e o grupo de pesquisa que coordeno<sup>10</sup>) procura contribuir para uma base filosófica de um Direito humanitário.

14. **Maurício de Novais Reis:** Professor, mesmo depois de publicadas suas pesquisas, por que a filosofia africana figura de modo tão tímido entre os conteúdos dos livros didáticos?

**Noguera:** Nós fizemos uma pesquisa nos anos de 2010, 2011 e 2012 . A maioria dos cursos de graduação não têm disciplinas que atendam essa demanda<sup>11</sup>.

15. **Emanuel Soares:** O senhor poderia nos falar um pouco sobre a pluriversalidade e a polirracionalidade da filosofia e da Educação?

**Noguera:** A partir de leituras de dois filósofos que muito me inspiram, Mogobe Ramose<sup>12</sup> e Dismas Masolo<sup>13</sup>, vou tecer ligeiramente. Primeiro, a pluriversalidade não se opõe à universalidade, ela é mais ampla e inclui o universal. A pluriversalidade implica em recusar a existência de um

<sup>10</sup> Trata-se do grupo “Afroperspectivas, Saberes e Infâncias”.

<sup>11</sup> Conferir estudos em [http://www.pallaseditora.com.br/produto/O\\_ensino\\_de\\_filosofia\\_e\\_a\\_lei\\_10\\_639/281/8/:https://pt.scribd.com/doc/108807599/Renato-Noguera-Filosofia-Africana-e-Lei-10639](http://www.pallaseditora.com.br/produto/O_ensino_de_filosofia_e_a_lei_10_639/281/8/:https://pt.scribd.com/doc/108807599/Renato-Noguera-Filosofia-Africana-e-Lei-10639).

<sup>12</sup> Dentre outras críticas, Mogobe Ramose compreende que a filosofia é antes de tudo prática, ação, “philopraxis”, sem o que correria o perigo de se tornar uma “masturbação intelectual apegada à mística”. Cf. entrevista com o pensador em: <https://www.africaknowledgeproject.org/index.php/jap/article/view/3084>.

<sup>13</sup> Masolo é professor no departamento de Filosofia da Universidade de Louisville em Kentucky nos Estados Unidos da América.

“comum”, de uma visão de mundo. Universalidade é um aspecto da realidade, sempre uma cosmovisão. Não podemos reduzir todas as cosmovisões a somente uma. A pluriversalidade é a compreensão de que universos diversos coexistem, visões e sentidos de mundo paralelos, convergentes e divergentes. Polirracionalidade é um conceito que uso partindo do filósofo ugandense Masolo, basicamente significa que existem racionalidades. As pessoas, os grupos, as tradições operam dentro de lógicas diferentes. O iluminismo supôs que o entendimento seria universal, desde que as pessoas compartilhassem a mesma rede argumentativa, todas – seres dotados de razão – chegariam às mesmas conclusões. Pois bem, polirracionalidade é um conceito que situa a existência de lógicas bastante diversas sempre, a pretensão colonial de uma racionalidade única precisa ser descartada, precisamos falar sempre no plural. A epistemologia é política e, de certa forma, toda política tem suas bases epistemológicas.

16. **Alexandre Osaniyi:** Há uma frase que afirma “só é possível filosofar em alemão”. É possível filosofar *em* negro e *em* indígena?

**Noguera:** O filósofo alemão Martin Heidegger se tornou um dos maiores baluartes do projeto de que a filosofia é um produto da cultura ocidental. A frase “só se pode filosofar em alemão” foi cantada por Caetano Veloso<sup>14</sup> e dita por Heidegger. Em edição da Revista *Der Spiegel*, Heidegger disse: “Tenho em mente sobretudo a relação íntima da língua alemã com a língua dos gregos e com o pensamento deles. Hoje, os franceses voltaram a confirmar-me isso mesmo. Quando começam a pensar, falam alemão, sendo certo que não o conseguiriam fazer na sua própria língua”<sup>15</sup>. Ora, precisamos ensinar e aprender línguas como *iorubá*, *quimbundu*, *guarani* e *yanomami*, por exemplo. É preciso descolonizar o pensamento, sermos mais decoloniais, pós-coloniais, pan-africanistas, afrocentrando e afroperspectivando o pensamento para criar condições necessárias para filosofias negras e indígenas.

17. **Emanuel Soares:** Que filósofos egípcios seriam importantes para o saber produzido hoje no Ocidente? Por quê?

<sup>14</sup> O filósofo está fazendo referência à letra “Língua” de Caetano Veloso, cf. <https://www.letas.mus.br/caetano-veloso/44738/>.

<sup>15</sup> Trata-se de Heidegger, Martin (1993), Only a God Can Save Us. *Der Spiegel* interview with Martin Heidegger. In: Richard Wolin (Org.), “The Heidegger Controversy”: A Critical Reader. Cambridge, MA and London: MIT Press, 113.

**Noguera:** Dentre os grandes filósofos africanos da antiguidade, o Egito foi um dos territórios mais férteis. Óbvio que vale a pena citar “Orunmilá iorubá”, apresentado pela filósofa nigeriana Sophie Oluwole<sup>16</sup>, que vivia na região da atual Nigéria. Mas, dentre os filósofos egípcios antigos relevantes para o Ocidente, destaco dois aos quais tenho me dedicado: Ptahotep e Amenemope<sup>17</sup>.

18. **Alexandre Osaniiyi:** Uma filosofia africana pode ser irmanada a uma filosofia europeia?

**Noguera:** Sim. Sem nenhum problema, Mogobe Ramose diz que sua formulação ética agrega elementos europeus. Enfim, sem nenhum problema.

19. **Alexandre Osaniiyi:** O que a filosofia africana com a qual o sr. trabalha pode nos dizer sobre o forte momento reacionário que estamos vivendo hoje?

**Noguera:** Ela pode nos dizer algo sobre como a reformulação dos jogos de visibilidade e reconhecimento produzem políticas conservadoras de exclusão de vozes não hegemônicas. Ou seja, uma filosofia negra pode produzir justamente um clamor antilegalista e em favor da Vida e da Democracia.

20. **Alexandre Osaniiyi:** É possível aproximar a filosofia africana da Mitologia e do Sagrado?

**Noguera:** A filosofia grega antiga está próxima da mitologia e do sagrado, o filósofo inglês Robert Bernasconi<sup>18</sup> elucida isso muito bem.

21. **Emanoel Soares:** Que pesquisas o senhor tem desenvolvido atualmente?

**Noguera:** Eu estou em migração tem algum tempo para os estudos da infância. Daí, fazer filosofia africana com crianças tem sido algo que conjugado aos trabalhos com fotografia *pinhole*<sup>19</sup> têm

---

<sup>16</sup> Sophie Oluwole nasceu em 1936. Primeira mulher a doutorar-se em filosofia na Nigéria, Universidade de Ibadan. Em junho deste ano, esteve no Brasil participando de evento produzido pela FioCruz, “Conhecimentos Tradicionais e Saúde”.

Pode-se conferir em: <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/todas-as-noticias/1425-coloquio-brasil-nigeria-discute-conhecimentos-tradicionais-e-saude#.W8SxL3tKiM8>.

<sup>17</sup> Estudo de Noguera acerca destes filósofos pode ser encontrado na revista “Ensaio Filosóficos” (UERJ), confira-se: [http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo8/noguera\\_renato.pdf](http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo8/noguera_renato.pdf).

<sup>18</sup> Trata-se de professor de filosofia da Universidade Estadual da Pensilvânia (EUA), conhecido como leitor de Martin Heidegger e Emmanuel Levinas, e por seus estudos sobre o conceito de raça.

<sup>19</sup> Pode-se encontrar uma introdução em <http://pinhole.net.br/>.

ocupado meus investimentos de pesquisa. Sempre ligado à escola, cada vez mais interessado em escolas quilombolas e indígenas. O meu intuito tem sido conversar com as crianças, ouvi-las a respeito da escola, da política tendo como base uma conversação filosófica e atividades artísticas, especificamente o trabalho com imagens.

22. **Alexandre Osaniyi:** O professor Muniz Sodré<sup>20</sup> defende a necessidade do afeto em contrapartida aos discursos da Razão e das Luzes. Qual o espaço do afeto em uma filosofia negra?

**Noguera:** Penso que mesmo o discurso das “Luzes” estava marcado por um afeto, ainda que negasse. Porque tenho receio de ficarmos no clichê: a emoção é negra e a razão é branca. Por isso, prefiro pensar em tipologias de afetos. Em todo lugar tem afetos e racionalidades, só precisamos definir quais são e como operam. Uma filosofia negra pode justamente argumentar que toda racionalidade está marcada por afetos. E, obviamente, todo afeto tem um tipo de racionalidade.

23. **Maurício de Novais Reis:** Desde que foi publicado pela primeira vez, em 1945, o livro “A Filosofia Bantu”, do reverendo Placide Tempels, tem provocado acirradas discussões no meio filosófico. No Brasil não tem sido diferente. Como o senhor enxerga a obra tempelsiana, bem como as chamadas correntes da filosofia africana, dentre elas a etnofilosofia?

**Noguera:** Eu tenho feito cada vez menos esse trabalho de historiografia, eu assino embaixo das pesquisas de Adibênia Machado<sup>21</sup>, doutoranda da UFC. Ela nos dá uma bela visão a respeito dessas relações. De algum modo, vejo com algumas reservas a visão de Tempels, não descarto as contribuições. Mas, suas generalizações nem sempre elucidam o assunto. Afinal, ele estudou a cosmovisão de um povo e existem centenas de etnias bantu.

24. **Emanuel Soares:** O sr. afirmou que “ubuntu”<sup>22</sup> é aquilo que é comum a todas as pessoas. Poderia desdobrar esta ideia?

---

<sup>20</sup> Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Escola de Comunicação. Recentemente lançou “Pensar Nagô” (2017) pela Editora Vozes.

<sup>21</sup> Sugerimos texto de Adibênia Machado, intitulado “Filosofia Africana e Currículo: Aproximações”. Cf. <http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/viewFile/14990/10742>.

<sup>22</sup> Renato Noguera publicou em 2011, “Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista” publicado pela Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Segue o link: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/renato\\_noguera\\_-\\_ubuntu\\_como\\_modos\\_de\\_existir.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/renato_noguera_-_ubuntu_como_modos_de_existir.pdf).

Noguera: vou citar uma publicação recente<sup>23</sup>: Ubuntu não é uma palavra mágica que surge para resolver os conflitos e “salvar” as pessoas diante de disputas políticas. Ubuntu não é uma lei universal que está viva em todo continente africano. A palavra ‘ubuntu’ não existe em todas as centenas de línguas faladas nos 54 países africanos; ela está presente em quatro idiomas: *Ndebele, Swati, Xhosa e Zulu*. Apesar de encontrarmos palavras sinônimas em algumas línguas, a saber, *Sesotho, Shangaan, Vhuthu, Tsonga e Swahili* – ubuntu é uma palavra compartilhada por quatro línguas africanas e nas sociedades falantes desses idiomas acima mencionados. Para falar do seu significado filosófico, ético e político, é preciso entender que a melhor tradução dos provérbios *zulu (umuntu ngumuntu ngabantu)* e *xhosa (umntu ngumntu ngabantu)* é: “uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas”, ao invés de “eu sou porque nós somos”. O que implica em interdependência e reconhecimento dos conflitos como inerentes às relações e que diante da instabilidade da existência resta-nos uma articulação proativa e biocêntrica em favor da comunidade, porque sem a comunidade não existe indivíduo. Pois bem, ubuntu ser comum a todas as pessoas significa que precisamos inevitavelmente viver juntos, não quer dizer que sempre nos amamos e que estamos sempre sorrindo diante das dificuldades. Mas, significa que somos obrigados pelo caráter dinâmico da vida, a enfrentar as dificuldades em companhia, porque ninguém se faz só.

25. **Alexandre Osaniyi:** Se filosofar é perguntar, que perguntas uma filosofia negra tem lhe permitido fazer?

Noguera: São tantas as perguntas; mas, destaco algumas decisivas: 1ª) A democracia está sempre em risco diante da incompatibilidade com o neoliberalismo?; 2ª) A precificação de todas as instâncias da vida coloca a centralidade do humano no trabalho, enquanto que a condição humano não é justamente ser brincante?; 3ª) A adultidade e a confiança no projeto iluminista produziram um projeto moderno ocidental que fatalmente precisa produzir uma política da morte e da eliminação dos menos aptos?; A mistura entre ideologia da tribo eleita (só alguns herdarão o reino dos céus), darwinismo (os mais adaptados sobrevivem) com a política econômica neoliberal é anti-biocêntrica?

---

<sup>23</sup> NOGUERA, Renato; BARRETO, Marcos. Infância, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. In: *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, set.-dez. 2018, pp. 625-644.

**Alexandre de Oliveira Fernandes:** É Doutor em Ciências da Literatura (UFRJ); professor de Língua Portuguesa e Literatura do IFBA. Desde 2014 é professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade PPGREC/UESB/Jequié. Em 2018 iniciou atividades como professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnicas - PPGER, da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB. Desenvolve e orienta estudos nas áreas de Literatura, Análise do discurso crítica, Currículo, Pós-estruturalismo, Interculturalidade crítica, Gênero, Estudos Queer, Culto aos orixás, Epistemologias e religiões de matrizes africanas, Antropologia das religiões, corpo, performance e formação da subjetividade. Estuda especialmente Michael Foucault e Jacques Derrida, Catherine Walsh e Judith Butler, Clifford Geertz e Homi Bhabha. Em 2017 foi aprovado para pós-doutorado oferecido pelo Mestrado Profissional em História Profissional da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB/Caetité, desenvolvendo a pesquisa intitulada: Axé: filosofia/epistemologia exuriana em textos de Ifá, sob a supervisão do Professor Doutor Emanuel Luis Roque Soares.

**Emanuel Luis Roque Soares:** É professor associado I, ensina de filosofia da educação e filosofia da ancestralidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores, Amargosa-BA, também é professor permanente do mestrado profissional em História da África da UFRB. Participa dos seguintes grupos de pesquisa: NÚCLEO DE PESQUISA FILOSÓFICA: EDUCAÇÃO, EPISTEMOLOGIA E POLÍTICA (líder) além do NIHME/UFC e HCEL/UFBA. Tem a seguinte formação: Pós-doutor em Educação Universidade Federal da Paraíba/FACED (2012) Doutor em Educação (2008) Universidade Federal do Ceará/FACED. Mestre em Educação (2004) Universidade Federal da Bahia/FACED. Especialista em Estética, Semiótica, Cultura e Educação (2001): Universidade Federal da Bahia/FACED. Bacharel em Filosofia (1999): Universidade Católica do Salvador. Discuti os seguintes temas: filosofia da ancestralidade, filosofia da educação e formação do professor de filosofia, memória do negro no Brasil e religiões de matriz africana.

**Maurício de Novais Reis:** Psicanalista, pedagogo e licenciado em Filosofia. Possui especialização em Teoria Psicanalítica. Exerce atualmente a função de Coordenador Pedagógico na Escola Municipal Professor Shneider Cordeiro Correia no município de Teixeira de Freitas, além de lecionar Filosofia no Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa, situado na cidade de Teixeira de Freitas. Possui formação em Psicanálise na linha Freud-Lacan pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Contemporânea. Na educação, tem pautado suas pesquisas no Currículo da Educação Básica, mais especificamente no tocante ao ensino de Filosofia. No tocante à Teoria Psicanalítica, pauta suas pesquisas na relação existente entre angústia e amor, bem como as suas implicações na clínica psicanalítica, privilegiando as correntes teórico-metodológicas inauguradas pelos escritos freudianos e fundamentadas nos seminários de Jacques Lacan. No campo literário, possui poemas, crônicas e contos publicados em variadas antologias impressas e sites da internet. Possui dois livros publicados pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores e um livro publicado pela Editora Multifoco. Entre 2015 e 2017 escreveu para o Jornal Alerta, de Teixeira de Freitas, a coluna Glossário de Psicanálise.

**Artigo recebido para publicação em:** Outubro de 2018.

**Artigo aprovado para publicação em:** Novembro de 2018.